



## **GERONTOLOGIA EDUCACIONAL: DIFICULDADES E ESTRATÉGIAS DE APRENDIZAGEM PARA ESTUDANTES DE LÍNGUA ESTRANGEIRA DA TERCEIRA IDADE**

Izabel Cristina Barbosa de Oliveira <sup>1</sup>

### **RESUMO**

A terceira idade traz mudanças e transformações físicas e biológicas significativas nas pessoas. Apesar das degenerescências de ordem física ou psicológica, a idade não impede a aprendizagem de algo novo. É necessário formar profissionais que venham atuar na gerontologia educacional de maneira significativa. Lima (2000) explica que a partir dos 60 anos há uma perda considerável da capacidade de memorização e concentração. Algumas dificuldades de aprendizagem de um idoso são: lentidão no raciocínio; diminuição natural das capacidades visuais e auditivas; e, lentidão na mobilidade nas capacidades motoras em geral, Paiva (1999). Entretanto, trabalhos mostram que caso o idoso não seja acometido de nenhuma doença que afete as células cerebrais, nenhum destes processos que fazem parte do envelhecimento afetam a capacidade de aprender. Para Boruchovitch et al (2006) as estratégias de aprendizagem podem facilitar a aquisição, o armazenamento e a utilização das novas informações. Tanto o caráter lúdico, quanto um material de apelo visual podem auxiliar no processo de aprendizagem do idoso, Cardoso et al (2015). Além disso, patologias relacionadas à memória podem ser prevenidas afastando fatores de risco, proporcionando um envelhecimento mental saudável, Soares (2006). Os objetivos deste trabalho foram: identificar dificuldades no processo de aprendizagem de estudantes da terceira idade; analisar algumas estratégias de aprendizagem utilizadas para este público; e refletir sobre quais benefícios a aprendizagem de uma língua estrangeira traria para a saúde mental destes idosos. Este trabalho é de cunho bibliográfico e para seu desenvolvimento, foram feitas pesquisas em artigos, teses e dissertações disponíveis na internet.

**Palavras-chave:** Terceira idade. Gerontologia. Estratégias de aprendizagem. Saúde mental.

### **INTRODUÇÃO**

A terceira idade traz mudanças e transformações físicas e biológicas significativas nas pessoas, refletindo também na maneira com o idoso interage e se relaciona com o mundo.

Apesar das degenerescências de ordem física ou psicológica, como a diminuição da acuidade auditiva e visual, a idade não impede que as pessoas possam aprender algo novo, pelo contrário, muitas experiências tem demonstrado que os idosos podem se manter ativos e em pleno funcionamento na sociedade.

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Ciências da Educação pela UNIDA – PY, izabel\_cbarbosa@hotmail.com



Nesta perspectiva, percebe-se que é necessário formar profissionais que venham atuar na gerontologia educacional de maneira significativa, uma vez que como as pessoas não aprendem da mesma maneira, também não se ensina da mesma forma para públicos de idades distintas, as metodologias variam de acordo com a faixa etária: pedagogia (para crianças e adolescentes), andragogia (para adultos) e gerontologia (para idosos). O termo gerontologia educacional, que “é o estudo e a prática de ações educacionais para ou sobre a velhice e indivíduo idosos” (PETERSON, 1976, p. 62), surgiu na década de 70 com David Peterson.

Apesar de, aparentemente, os idosos buscarem aprender coisas novas pelas mesmas motivações que as crianças, o profissional envolvido neste processo não pode trabalhar da mesma maneira.

Sáez e Escarjabal (1998) propõe uma educação menos disciplinar, menos acadêmica e mais associada às necessidades identificadas pelos idosos, com a ajuda dos profissionais da área.

Pesquisas indicam que caso o idoso não seja acometido por doenças que comprometam as células cerebrais, nenhuma das dificuldades oriundas da idade impedem que ele aprenda uma nova língua. Desta forma, os objetivos deste trabalho foram: identificar algumas dificuldades no processo de aprendizagem de estudantes da terceira idade; analisar algumas estratégias de aprendizagem utilizadas para este público; e refletir sobre quais benefícios a aprendizagem de uma língua estrangeira traria para a saúde mental destes idosos.

## **DESENVOLVIMENTO**

De acordo com a Organização das Nações Unidas (ONU), entre 1975 e 2025 é declarado como a “Era do Envelhecimento”, decorrente do aumento acelerado da população idosa. Devido a esta velocidade do envelhecimento da população mundial surgem novos profissionais, que necessitam estar aptos para trabalhar nessa área, com este público alvo. É importante salientar que atualmente, o idoso pode e deve participar de maneira atuante na sociedade.

Pode-se dizer oficialmente a Gerontologia Educacional surgiu com David Peterson em 1970 e ficou conhecida como um campo interdisciplinar para lidar com a velhice e a mudança de perspectiva da sociedade em relação aos idosos e ao envelhecimento. Logo em 1980, ele acrescentou que esse conceito tratava-se da tentativa do conhecimento da educação e do envelhecimento em benefício da melhoria de vida da terceira idade.



Com esta reconfiguração da população já se encontra vários serviços voltados à terceira idade, um ótimo exemplo são os cursos da universidade direcionados para este público.

Soares e José Filho (2008) dialogam bastante sobre uma das mudanças que vem ocorrendo nas universidades, que é a abertura ao público da terceira idade. Para os autores, este crescimento acelerado da população idosa requer maior dedicação dos profissionais de várias áreas que têm compromisso com a causa do idoso, no sentido de unir esforços para que o idoso brasileiro não seja visto como mais um “problema social”, mas como sujeito que tem capacidade produtiva, garantia de acesso aos seus direitos sociais e poder de decisão sobre as questões que lhe dizem respeito.

É pautada nessas mudanças que a Gerontologia vai encontrar solo fértil para se expandir, constituindo-se, a partir da segunda metade do século XX, como uma área de estudo multi e interdisciplinar. As primeiras pesquisas gerontológicas surgiram nos campos disciplinares da Psicologia, da Medicina e da Biologia, que colocaram sob relevo questões relativas à saúde, às relações sociais e às capacidades cognitivas dos idosos. A intersecção entre a Educação e a Gerontologia vai aparecer apenas em um segundo momento, quando, nos anos 1970, surgem as primeiras propostas científicas que abordam as relações entre esses dois campos de estudo. (DOLL et al, 2015, p. 10)

Para cada faixa etária existe uma dificuldade específica no processo de aprendizagem, no caso da terceira idade, Pizzolatto (1995) explica que existe um “período crítico”, fase em que os aprendizes de língua estrangeira adultos, apresentam maiores limitações na aprendizagem em termos gramaticais, lexicais, tanto na escrita quanto na fala.

Cunha, Borges e Westrupp (2017, p. 21756) expõem que

a aprendizagem de uma pessoa idosa acontece diferentemente de uma criança ou até mesmo que um adulto mais novo, justamente porque ao decorrer da vida muitas células do corpo são modificadas, na velhice as células estão bastante alteradas, causando perdas e ganhos para o sujeito.

A didática conhecida como gerontologia educacional, segundo Lima, tem o foco em uma recriação didática e pedagógica em relação à perspectiva da ressignificação da vida do idoso em questão. Para tanto, a gerontologia educacional requer uma pedagogia específica para garantir a reforma do pensamento: é necessário diferenciar o ensino, possibilitando que cada idoso aprendiz vivencie tão frequentemente quanto possível, situações produtivas de aprendizagens, para atingir que eles tenham acesso à essa cultura e dela se apropriem, colocando-os diante de circunstâncias ótimas de aprendizagem; para que os idosos desenvolvam pensamentos não só para sobreviverem, mas, sobretudo, para conquistarem, com autonomia, melhor qualidade de vida. (LIMA, 2000).



Na visão de Pereira e Serra (2011, p.13)

o idoso é capaz de aprender, pois o ser humano aprende até a morte, e, como aprendiz ele pode viver melhor, participando em grupo, de sua própria aprendizagem e da construção da aprendizagem dos outros, com dignidade, autoestima elevada, autoconfiança recuperada ou afirmada na busca constante de sua completude.

Compartilhamos com Chopra (1995, p. 307) que “qualquer que seja sua idade, seu corpo e mente não passam de uma minúscula fração das possibilidades ainda abertas a você – sempre há um número infinito de novas habilidades, *insights* e realizações à frente”.

Assim, com o propósito de diminuir possíveis dificuldades, compreende-se que o idoso precisa de um ambiente de aprendizagem adequado as suas necessidades. Desta maneira, é necessário atentar para possíveis adequações de ensino e/ou materiais, de modo a facilitar o aprendizado, considerando as potencialidades e limitações de cada um.

Aparentemente a partir do 60 anos é que a capacidade de memorização e concentração diminuem, porém, mesmo assim, os idosos são capazes de aprender com a utilização de atividades mais significativas. Lima (2000, p. 39) explica que

aos 60 anos [...] a maioria tem uma perda significativa na capacidade de memorização e concentração. A maioria dessas pessoas, ou mais velhas, não são capazes de fazer tarefas mais complicadas, tão rápido quanto os mais jovens, porque a velocidade do sistema nervoso começou a decrescer.

Paiva (1999, p. 42) também indica algumas dificuldades que podem ser observadas no processo de aprendizagem de um idoso, como “lentidão no raciocínio em função da diminuição dos processos fisiológicos funcionais; diminuição natural das capacidades visuais e auditivas; e, lentidão na mobilidade nas capacidades motoras em geral. Apesar disso, nenhum deste aspectos impedem que o indivíduo aprenda, a não ser que as células cerebrais sejam atingidas por algum agente externo, como alguma doença.

Pizzolatto (1995) também demonstra que o estudante idoso é capaz de aprender uma língua estrangeira caso encontre um ambiente com condições, internas e externas, favoráveis. Salientando que a motivação do aprendente está, principalmente, direcionada ao contato social que as aulas propiciam e à afetividade que resulta da interação entre discente e professor.

Alguns autores, como Kachar, expõe que o interesse da terceira idade pelo aprendizado é similar ao das crianças. “Há uma predisposição para a aprendizagem e está acontece de modo muito semelhante à aprendizagem do período infantil. Ela é centrada na resolução de problemas ou projetos específicos e de superação de desafios impostos pelo próprio indivíduo”. (KACHAR, 2001, p. 31).



Por mais que os motivos sejam semelhantes, entre crianças e idosos, é primordial lembrar que as abordagens utilizadas pelo professor sejam distintas, uma vez que os níveis de conhecimento dos referidos públicos são também diversos. Assim, com os idosos as estratégias de aprendizagem devem levar em consideração atividades que facilitem tanto a aquisição e o armazenamento das novas informações, quanto a valorização dos saberes já adquiridos.

De acordo com O'Malley e Chamot (1990, p. 1), as estratégias de aprendizagem seriam processos cognitivos complexos ou “maneiras especiais de processar a informação que otimizam a compreensão, aprendizagem ou retenção da informação”. Para os autores, as estratégias de aprendizagem devem ser explicadas à luz da teoria cognitiva. Sendo o aprendizado de uma língua uma habilidade cognitiva, as estratégias de aprendizagem, também, por sua vez, seriam habilidades cognitivas complexas que teriam como objetivo facilitar a aprendizagem. Segundo O'Malley e Chamot, não se poderia obter uma compreensão desses processos cognitivos que são as estratégias de aprendizagem, sem se considerar a relação existente entre língua e cognição.

Para Boruchovitch et al (2006, p. 297) as estratégias de aprendizagem podem ser definidas como “sequência de procedimentos ou atividades que se escolhem com o propósito de facilitar a aquisição, o armazenamento e a utilização das informações”. Já Vilaça (2009) define as estratégias como comportamentos e processos mentais, ou pensamentos, que os aprendentes empregam para construir saberes.

Levando em consideração que cada pessoa aprende de uma maneira e em ritmo diferente, a escolha das estratégias de aprendizagem também está condicionado a vários fatores, como: estilo cognitivo de cada indivíduo, características de personalidade, o nível de motivação dentre outros. E a idades também poderia influenciar nesta escolha. Oxford (1990, p. 13 apud CONCEIÇÃO, 2005, p. 198) afirma que “aprendizes de mais idade podem usar estratégias diferentes daquelas usadas por aprendizes mais jovens”, influenciando também no tipo de tarefa a ser feita, além das expectativas do professor, expressas na instrução em sala de aula e na metodologia da avaliação.

Escarbajal (2009 apud CACHIONI et al, 2015, p. 84) afirma que

é um lamentável erro considerar a educação de idosos nas mesmas perspectivas utilizadas em outras etapas da vida. Os programas educacionais para a terceira idade devem ter como ponto de partida conhecimentos específicos sobre as características dessa clientela, que possui peculiaridades garantidas pelo seu próprio desenvolvimento e experiências acumuladas, que lhes confere autonomia para decidir quando, como e o que desejam aprender.



Portanto, a utilização de materiais e estratégias de aprendizagem específicas podem auxiliar o idoso em seu processo de aprendizagem, fixando as novas informações. No entanto, observa-se que há um grande problema em encontrar materiais adequados para esta faixa etária de estudantes, existindo a necessidade de adaptar o material à sua realidade.

Pensando as especificidades do aprendiz idoso, Cardoso et al (2015, p. 76) elucida que “o caráter lúdico é essencial e as atividades que auxiliem a memorização também são primordiais. A reciclagem tem que ser constante e o material deve ter apelo visual, mas, ao mesmo tempo, tem que ser agradável visualmente (para facilitar a leitura) e no conteúdo (para ajudar na consolidação do aprendizado).”

Também compartilhamos com Machado, Chaves e Oliveira (2009, p. 37) a ideia de se elaborar materiais específicos para este público. “Assim sendo, com o grupo de terceira idade existe uma preocupação especial, em preparar material didático específico, que realmente atenda aos interesses do grupo. Os temas e as atividades, utilizados nas aulas, são conduzidos de forma a motivar o aluno a comunicar-se”.

Autores como Lopes explica que alguns estudantes podem sentir a falta de um livro didático para seus estudos, uma vez que podem estar habituados a utilizá-lo como um guia. “Os aprendizes mostraram-se saudosos para com o livro didático que já utilizaram há alguns anos atrás no curso. Eles afirmaram abertamente que sentem falta de um livro. Para eles, o livro não só reduz significativamente o número de cópias e apostilas isoladas como também funciona como um guia a ser fielmente seguido pelo professor” (LOPES, 2014, p. 144).

Com relação às estratégias de aprendizagens seguiremos o modelo de Oxford (1990), que mesmo não sendo completo (de acordo com a própria autora), aparenta reunir um grande número e variados tipos de estratégias. Estas são classificadas em diretas e indiretas e se dividem em três grandes grupos.

Segundo o trabalho desenvolvido por Conceição (2005, p. 201) as estratégias diretas mais utilizadas pelos estudantes idosos foram: traduzir, praticar formalmente sons e ortografia, tomar notas e usar recursos para captar/enviar mensagens. Já entre as estratégias indiretas mais utilizadas estão: entre as afetivas encontram-se – auto avaliação, fazer afirmações positivas e ouvir eu corpo; e entre as sociais – cooperação entre pares e pedir esclarecimentos.

Isto não significa que em todas as classes com estudantes idosos serão utilizadas as estratégias mencionadas, podendo haver mudanças na seleção das mesmas, por cada indivíduo.



Porém, este trabalho reflete uma abordagem mais específica, direcionando o processo de ensino da forma mais adequada às necessidades do estudante idoso.

Conceição também explica que o trabalho propõe ações didáticas com a utilização das estratégias de aprendizagem, porém que estas não sejam vistas como fórmulas prontas e concluídas, porém que sejam “[...] propostas de ações que não rotulem ou prescrevam fórmulas de uso, mas que possibilitem aos alunos a adaptação de estratégias à sua aprendizagem de língua, de acordo com suas necessidades e interesses” (2005, p. 214).

Acreditamos que quanto mais o profissional da educação conhecer e aprender sobre as estratégias de aprendizagem, melhores serão as orientações aos estudantes da terceira idade a fim de que estes busquem aquelas que melhor se adaptem às suas necessidades, levando em consideração seus conhecimentos prévios, suas experiências e seu estilo de aprendizagem.

As estratégias de aprendizagem não podem ser indicadas/utilizadas de maneira inconsciente e aleatória, a partir da mediação pedagógica, o próprio aprendiz será capaz de utilizar a ou as que melhor se ajuste/m às suas características pessoais, como visto anteriormente em Boruchovitch et al (2006), Vilaça (2009) e Oxford (1990).

Atualmente é possível se pensar em um envelhecimento mais saudável, prevenindo ou retardando algumas patologias. Soares (2006) menciona que as patologias relacionadas à memória podem ser prevenidas afastando fatores de risco, por meio da realização de atividades que exijam o uso do cérebro, como por exemplo, aprender uma nova língua e praticar atividades físicas regularmente.

Desta maneira, aprender uma nova língua ou praticar outras atividades intelectuais são ferramentas fundamentais para a manutenção cerebral diária, além de prolongar a qualidade de vida, mantendo o cérebro do idoso saudável.

De acordo com Zimerman (2000) a capacidade de flexibilidade e adaptação é um dos principais fatores do envelhecimento saudável, a autora afirma ainda que idosos possuidores de ocupações e objetivos se mantêm mais atualizados e, conseqüentemente, melhor inseridos na sociedade.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Portanto, foi possível observar que na terceira idade, mesmo que o idoso apresente algumas dificuldades decorrentes do processo de envelhecimento, como lentidão no raciocínio



em função da diminuição dos processos fisiológicos funcionais; diminuição natural das capacidades visuais e auditivas; e, lentidão na mobilidade nas capacidades motoras em geral; nenhuma destas degenerescências diminuem ou impedem a capacidade de aprender do indivíduo.

Também foi possível perceber que algumas estratégias de aprendizagem utilizadas pelos estudantes idosos para aprimorar seu processo de aprendizagem, como: traduzir, praticar formalmente sons e ortografia, tomar notas, usar recursos para captar/enviar mensagens, auto avaliação, fazer afirmações positivas, ouvir eu corpo, cooperação entre pares e pedir esclarecimentos. Porém, não há uma fórmula para a utilização de tais estratégias, podendo as mesmas serem mudadas de acordo com a bagagem de cada estudante.

Dentre os benefícios encontrados, podemos afirmar que a aprendizagem de uma língua estrangeira (entre outras atividades que exijam o uso do cérebro na terceira idade) pode afastar fatores de risco que venham a desenvolver patologias relacionadas à memória, sendo assim uma “ginástica cerebral”.

Por último, porém não menos importante, não podemos deixar de mencionar a importância da qualificação dos profissionais que trabalham com este público específico, uma vez que é primordial se utilizar uma didática diferenciada a fim de abarcar as reais necessidades no processo de aprendizagem dos idosos.

## REFERÊNCIAS

- BORUCHOVITCH, Evely et al. **A construção de uma escala de estratégias de aprendizagem para alunos do ensino fundamental**. Psicologia: teoria e pesquisa, 2006.
- CACHIONI, Meire; ORDONEZ, Tiago N.; BATISTONI, Samila S. T.; LIMA-SILVA, Thaís B. **Metodologias e estratégias pedagógicas utilizadas por educadores de uma universidade aberta à terceira idade**. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 40, n. 1, p. 81-103, jan./mar. 2015.
- CARDOSO, Janaína da S.; RIBAS, Ana Karoline de A. G.; SILVA, Karen C. da; GOUVÊA, Nathalia A. D. de; COSTA, Soraia C. de S.. **Aprendizagem de idiomas na terceira idade: muito além de um passatempo**. Rio de Janeiro: Programa de Pós-graduação em Letras, 2015. Disponível em: <[http://www.pgletras.uerj.br/linguistica/textos/livro08/LTAA8\\_a05.pdf](http://www.pgletras.uerj.br/linguistica/textos/livro08/LTAA8_a05.pdf)>. Acesso em: 01 jan. 2020.





- CHOPRA, Keepak. **Corpo sem idade, mente sem fronteiras**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- CONCEIÇÃO, Mariney P. **Estratégias de aprendizagem e o desafio de aprender uma língua estrangeira na terceira idade**. Letras & Letras, Uberlândia **21** (1) 195-218, jan./jun. 2005.
- CUNHA, Luiza C.; BORGES, Bruna T. F.; WESTRUPP, Marlene F. **Contrapontos no ensino e aprendizagem de crianças e idosos: relato de experiência das acadêmicas de pedagogia em espaços escolares e não-escolares**. XIV EDUCERE – Congresso Nacional de Educação, 2017.
- DOLL, Johannes; RAMOS, Anne C.; BUAES, Caroline S.. **Educação e envelhecimento**. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 40, n. 1, p. 9-15, jan./mar. 2015.
- KACHAR, Vitória. **A Terceira Idade e o Computador: Interação e Produção no Ambiente Educacional Interdisciplinar**. Tese de Doutorado em Educação. São Paulo: PUC/SP, 2001. 206p.
- LIMA, Mariúza Peloso. **Gerontologia educacional: Uma pedagogia específica para idosos uma nova concepção de velhice**. São Paulo: Terra, 2000.
- LOPES, P. R. **Inglês para terceira idade: investigando o contexto UnATI/UERJ visando à elaboração de material didático**. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UERJ, 2014.
- MACHADO, H. B.; CHAVES, M. I.; OLIVEIRA, R. C. da S. **Inglês na terceira idade: um sonho tornando-se realidade**. Revista Conexão, Ponta Grossa, UEPG, v. 05, n. 01, 2009.
- O'MALLEY, M. J.; CHAMOT, A. U. **Learning Strategies in Second Language Acquisition**. Cambridge, Cambridge, 1990.
- OXFORD, R. **Language Learning Strategies**. Boston, Heinle & Heinle Publishers. 1990.
- PAIVA, Vilma M. B. **Fundamentos psicopedagógicas para uma ação educativa em Gerontologia Social**. Revista a Terceira Idade, São Paulo, v. 5, n.18, p. 39-44, 1999.
- PEREIRA, L. G. P.; SERRA, D. **A importância da aprendizagem na terceira idade**. Monografia Pós-Graduação “Latu Sensu”. Universidade Candido Mendes, 2011.
- PETERSON, David A. Educational Gerontology: the state of the art. **Educational Gerontology: an international quarterly**, Washington, DC: Hemisphere, v. 1, p. 61-73, 1976.
- PIZZOLATO, C. E. **A sala de aula de língua estrangeira com adultos de terceira idade**. Dissertação de Mestrado em Estudos da Linguagem. Unicamp, Campinas, 1995.

SOARES, Edvaldo. **Memória e envelhecimento: aspectos neuropsicológicos e estratégias preventivas**. 2006. Disponível em: <<https://www.psicologia.pt/artigos/textos /A0302.pdf>>.

Aceso em: 01 jan. 2020.

SÁEZ, Juan; ESCARBAJAL, Andrés. **La Educación de Personas Adultas**. En Defensa de la Reflexividad Crítica. Salamanca: Amarú Ediciones, 1998.

SOARES, Nanci; JOSÉ FILHO, Mário. **UNATI – Construindo uma Cidadania**. 1. Ed. Franca, 2008.

VILAÇA, M. L. C. **Estratégias de Aprendizagem e Materiais Didáticos de Língua Estrangeira: Elaboração, Integração, Ensino e Percepção**. Tese de Doutorado em Letras. Niterói: UFF, 2009.

ZIMERMAN, G. I. **Velhice: aspectos biopsicossociais**. Porto Alegre: Artmed, 2000.